

# ARTE, HISTÓRIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: POSSÍVEIS E BREVES DIÁLOGOS ENTRE CÂNDIDO PORTINARI, ERIC HOBBSBAWM E NORBERTO BOBBIO NA ANÁLISE DE GUERRA E PAZ NOS SÉCULOS XX E XXI

Danilo Borges Dias<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente estudo busca relacionar arte e Relações Internacionais. De forma mais específica, pretende discutir os conceitos de guerra e paz nos séculos XX e XXI, partindo do quadro, Guerra e Paz, de Cândido Portinari, e cruzando tal temática com as percepções genéricas que Hobsbawm (2007) e Bobbio (2004) possuem acerca do tema. As metodologias adotadas foram a Pesquisa Exploratória (Cervo; Bervian, 2007) e complementarmente a abordagem Histórico-Crítica (Adorno, 1999). Os resultados obtidos mostram os olhares teóricos das Relações Internacionais podem ser ampliados quando agregamos novas lentes analíticas que partam de outras áreas, como a arte, tornando úteis para uma formação mais ampla e abrangente que desperte uma maneira diferente se se observar o campo de estudos, a vida e suas conexões variadas.

**Palavras-chave:** Arte; Relações Internacionais; Cândido Portinari; Guerra e Paz.

## ABSTRACT

This study explores the intersection between art and International Relations. Specifically, it examines the concepts of war and peace in the 20th and 21st centuries through the lens of Cândido Portinari's painting *War and Peace*, juxtaposing this artistic representation with the broader theoretical perspectives of Hobsbawm

(2007) and Bobbio (2004). The research employs an Exploratory methodology (Cervo; Bervian, 2007), complemented by a Historical-Critical approach (Adorno, 1999). The findings suggest that theoretical frameworks in International Relations can be enriched by incorporating analytical perspectives from other disciplines, such as art. This interdisciplinary approach contributes to a more comprehensive and nuanced understanding of the field, encouraging alternative ways of perceiving global dynamics, human experience, and their interconnectedness.

**Keywords:** Art; International Relations; Cândido Portinari; War and Peace.

## INTRODUÇÃO

As Relações Internacionais são um campo de estudo que busca compreender o comportamento dos Estados, organizações internacionais e demais atores no sistema internacional. Diversas correntes de pensamento foram desenvolvidas ao longo do tempo para explicar essas dinâmicas. O Realismo parte da premissa de que o sistema internacional é anárquico, ou seja, não há uma autoridade central acima dos Estados. Os Estados são os principais atores e agem racionalmente para garantir sua sobrevivência, buscando poder, especialmente militar. Autores como Hans Morgenthau, com o realismo clássico, e Kenneth Waltz, com o neorealismo, são referências. Essa corrente é criticada por ignorar atores não estatais e por seu pessimismo quanto à cooperação internacional (Pecequillo, 2017).

O Liberalismo, por sua vez, acredita na possibilidade e na desejabilidade da cooperação entre Estados. Instituições internacionais, comércio e democracia são vistos como promotores da paz. Robert Keohane e Joseph Nye destacam a interdependência complexa e o papel das instituições, enquanto Michael Doyle desenvolve a teoria da paz democrática. As críticas ao liberalismo apontam para uma superestimação das instituições e uma subestimação dos conflitos de interesse (Keohane; Nye, 2001).

O Construtivismo introduz uma abordagem centrada em normas, ideias, identidades e discurs-

sos, argumentando que o sistema internacional é socialmente construído. Os interesses dos Estados não são fixos, mas moldados por interações sociais. Wendt (1999), com a famosa frase “Anarquia é o que os Estados fazem dela”, e Onuf (2023), que cunhou o termo Construtivismo, são autores centrais. As críticas ao Construtivismo incluem a dificuldade de operacionalizar seus conceitos e o menor foco em aspectos materiais (Jackson; Sorensen, 2018).

O Neorealismo, também conhecido como realismo estrutural, foca na estrutura do sistema internacional, especialmente na distribuição de poder, como fator determinante do comportamento dos Estados. Já o Neoliberalismo institucional, representado por Keohane, reconhece a anarquia, mas argumenta que instituições internacionais podem reduzir incertezas e promover cooperação. Ambos são criticados por manterem o foco nos Estados e na racionalidade, ignorando aspectos sociais e culturais (Morgenthau, 2003).

A Teoria Crítica engloba diversas abordagens que questionam as estruturas de poder e dominação no sistema internacional. O Marxismo enfatiza a exploração econômica e o imperialismo, argumentando que o sistema é moldado por relações de classe e capital. O Feminismo critica a masculinização da política internacional e destaca o papel das mulheres e das relações de gênero. O Pós-colonialismo denuncia a dominação ocidental e os legados do colonialismo, valorizando perspectivas do Sul Global. Essas teorias são frequentemente normativas e menos focadas em previsões empíricas, desafiando as bases epistemológicas das teorias tradicionais (Pecequillo, 2017).

Essas correntes oferecem diferentes lentes para analisar os fenômenos internacionais, contribuindo para uma compreensão mais ampla e crítica das Relações Internacionais. Contudo, apesar da inegável contribuição que as teorias clássicas, suas adaptações e olhares contemporâneos, a complexidade da realidade muitas vezes foge da sistematização teórica, evidenciando a possibilidade destes olhares serem complementados por pontos de vista e perspectivas não-óbvias e nem tão usuais quando nos reportamos à análise dos fenômenos variados que acontecem em nossa área de estudos. É neste sentido que tais perspectivas

possam, e até devam, ter agregadas aos seus olhares novos elementos e novas formas de se pensar as Relações Internacionais e seus desdobramentos em nosso cotidiano.

É nesse momento que a arte pode oferecer um novo aporte que agregue valor às diversas tentativas de se relacionar com os fenômenos circunscritos e de interesse às Relações Internacionais e áreas correlatas. Diante do exposto, o presente artigo busca analisar intersecções entre arte e Relações Internacionais, conhecer um pouco o perfil do pintor brasileiro Cândido Portinari, dando ênfase ao simbólico quadro Guerra e Paz, e refletir como sua essência empresta valor e reflexões atemporais aos conturbados tempos vividos nas Relações Internacionais em que pese a consagração de um mundo pacífico em meio às beligerâncias percebidas no cenário internacional (Giunta, 2005).

A metodologia adotada para este ensaio foi, inicialmente, a Pesquisa Exploratória que, de acordo com Cervo e Bervian (2007), visa proporcionar mais familiaridade entre tema e problema, tornando ambos elementos essenciais para se habituar com uma temática pouco investigada e/ou explorada, como o enlace entre Arte e Relações Internacionais. De forma mais aprofundada, optou-se por usar uma abordagem paralela e complementar baseada no método Histórico-Crítico em que percepção de que a obra artística é analisada à luz do momento histórico em que foi criada — incluindo eventos políticos, transformações sociais, movimentos culturais e filosóficos, reforçando o papel da arte em sua função dialógica com as ideologias dominantes ou contra-hegemônicas. Os pressupostos para tal se concentraram na reflexão que Adorno (1999) faz sobre a arte, tendo um papel crítico na sociedade, revelando contradições do capitalismo. Para ele, a obra de arte é autônoma, mas também histórica e socialmente determinada.

O referencial teórico usado mescla autores que falam sobre arte de uma forma em geral e que tocam na trajetória de Cândido Portinari, assim como suas aspirações e inspirações que resultaram o quadro Guerra e Paz para, por fim, instrumentalizar tal obra diante da possibilidade de se ler cenários pertinentes ao que vive uma parte das Relações Internacionais em que pese o

título da obra pictórica em questão. Tais autores, como Gombrich (1999), Fabris (1999), Pecequillo (2017), Jackson e Sorensen (2018), deram o aporte teórico inicial no desbravar de conceitos e reflexões que abrirão espaço para outros autores juntarem as pontas abertas pelos objetivos específicos indicados. Os autores específicos, também usados nas Relações Internacionais, foram Hobsbawm (2007) e Bobbio (2004).

## ARTE E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A arte, enquanto expressão simbólica e cultural, tem sido historicamente subestimada no campo das Relações Internacionais. No entanto, sua capacidade de representar narrativas, construir identidades e influenciar percepções políticas revela um potencial analítico significativo (Gombrich, 1985). Em tempos de globalização, disputas simbólicas e efetivas entre os países com potenciais diversos e capazes de causar (auto)destruição, compreender o papel da arte torna-se essencial para uma análise mais abrangente das dinâmicas internacionais e seus desdobramentos. Contudo, para um início de percurso, vale a pena definir, ou tentar, algumas aproximações do que se entende por arte. Ernst Gombrich (1909-2001) defende que arte não existe com “A” maiúsculo, o que existe são artistas e estes são seres em uma cultura, de um universo de sentidos e significados que o influenciam e são influenciados por ele, sem absolutamente a necessidade de erudição. O que importa ao autor é a ideia de referência e menção entre o sujeito, que cria ou que é afetado pela criação, e o objeto ou manifestação fruto do meio (Gombrich, 2009).

Para Belin e Pizar (2024), a arte tem sido uma das formas mais poderosas de registrar os impactos da guerra. Pinturas, fotografias, filmes, músicas e literatura capturam o sofrimento humano, a destruição e o trauma coletivo. Ao fazer isso, a arte não apenas documenta os eventos, mas também os interpreta, oferecendo uma perspectiva emocional e crítica que muitas vezes falta nos relatos oficiais. Nesse sentido possibilita as Relações Internacionais amadurecerem um olhar sobre o cotidiano de maneira a falar do óbvio a partir de perspectivas

não-óbvias, especialmente quando em um traço pintado ou em uma música cantada encontram os elementos que abrem caminho para se discutir rumos das nações e suas relações internacionais<sup>2</sup>. Para as autoras, a função das artes é também atuar na memória, pois o evento que ela retrata, narra e/ou analisa pode ser perene, mas a produção artística não é e assume o poder da intertemporalidade, pois deixa o legado para próximas gerações de um fato acontecido muito antes dela ter existido.

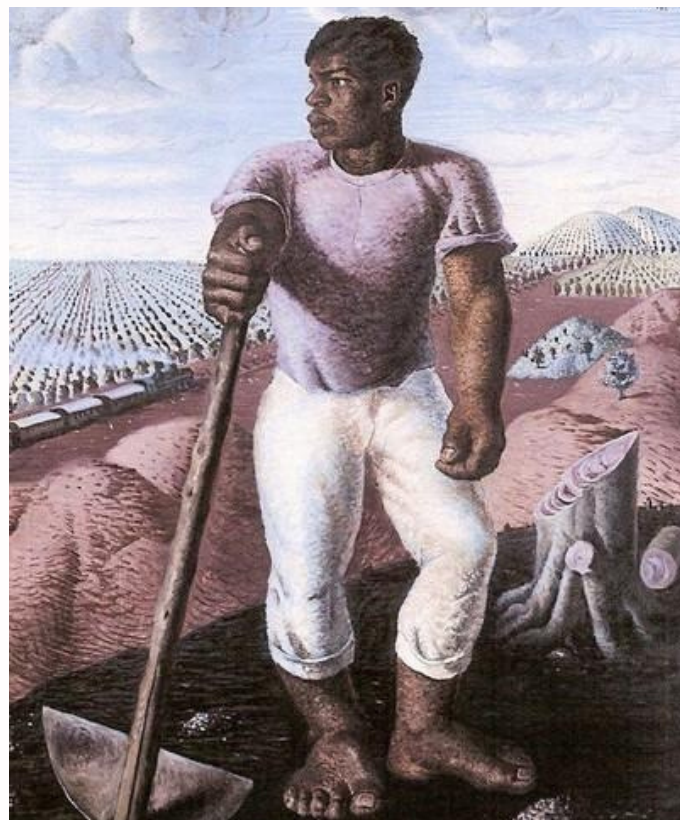
Retornando a Gombrich, embora não seja um teórico político, ele reconhece o papel da arte no mundo social, fruto de relações de poder em diversas interações humanas e nisso podemos incluir o cenário internacional (inferência nossa). Para o autor, a arte reflete e interpreta o mundo e artistas respondem ao seu tempo, seja em períodos de guerra, paz ou de transformação social que transite de uma situação à outra. Dessa forma, ela pode ser usada como instrumento de crítica ou propaganda, pois ele analisa, por exemplo, como a arte foi usada em regimes autoritários para moldar ideologias, fazendo menção na ajuda que ela dá para construir memória coletiva ao representar eventos históricos, a arte contribui para como sociedades lembram e interpretam guerras, conflitos e reconciliações (Gombrich, 1985). Em sua outra obra, "Arte e Ilusão" (id.), Gombrich aprofunda essa ideia ao discutir como a percepção visual é moldada por convenções culturais e expectativas — ou seja, a arte não apenas representa o mundo, mas também o constrói simbolicamente e tal simbolismo pode ser confrontado nas perspectivas culturais, podendo ocasionar choque de visões ou, quem sabe, choque de civilizações. É nesse enlace de ideias que apresentamos Cândido Portinari como um pintor social que pintava o que via, mas o ato do que foi visto passou pela essência do que ele era. O jeito de ver o mundo impregnou suas telas deixadas como legado de um mundo desigual e que pedia cuidados.

## UM POUCO DE CÂNDIDO PORTINARI E BREVISSIMOS ASPECTOS DE SEU PERCURSO ATÉ GUERRA E PAZ

Cândido Portinari (Brodowski, 29 de dezembro de 1903 – Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1962) foi um artista plástico brasileiro, considerado um dos mais importantes pintores brasileiros de todos os tempos, sendo o que mais alcançou projeção internacional. Portinari nasceu em uma fazenda de café próximo de Brodowski, interior de São Paulo, à época distrito do município de Batatais. Seus pais eram os imigrantes italianos Giovan Battista Portinari (João Baptista Portinari) e Domenica Turcato (Domingas Torquato), originários de Chiampo e Tezze sul Brenta, respectivamente, ambos municípios da província de Vicenza no Vêneto. Com a vocação artística logo na infância, Portinari teve pouco estudo, não completando sequer o ensino primário. Aos 14 anos, uma trupe de pintores e escultores italianos que atuavam na restauração de igrejas passou pela região de Brodowski e recruta Portinari como ajudante. Seria o primeiro grande indício do talento do pintor brasileiro (Fabris, 1996).

Diante do potencial artístico, Portinari iniciou seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e em 1928 ganhou o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, que o levou à Europa. Lá, teve contato com artistas como Giotto, Piero della Francesca, Modigliani e Picasso. Essa experiência foi crucial para o desenvolvimento de seu estilo, que mesclava elementos do cubismo, expressionismo e muralismo mexicano, com forte influência do neorrealismo. Sua abordagem temática e estilista foi marcada por uma profunda preocupação social. Ele retratava o povo brasileiro — especialmente os trabalhadores rurais, os retirantes e os marginalizados — com dignidade e dramaticidade. Suas figuras são monumentais, com mãos e pés exagerados, simbolizando a ligação com a terra e o trabalho, obras como "Café" (1935), "Retirantes" (1944) e "Criança Morta" (1944) são exemplos emblemáticos dessa abordagem (Giunta, 2005).

Figura 1- O Lavrador de Café



Fonte: Cândido Portinari (1934)

Figura 2 - Retirantes



Fonte: Cândido Portinari (1944)

Figura 3 - Criança Morta



Fonte: Cândido Portinari (1944)

Para além de todo descrito e evidenciado, Portinari se destacou como grande muralista<sup>3</sup>. Produzindo painéis para o Ministério da Educação e Cultura (MEC), a Biblioteca do Congresso nos Estados Unidos da América (EUA) e, mais notavelmente, os murais "Guerra e Paz" (1953–1956) para a sede da Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova York. É neste ponto que repousa a atenção central deste ensaio, pois é nele que observamos a possibilidade de se discutir as Relações Internacionais imbricadas com a arte e sua potencialidade de se produzir análises e reflexões variadas. Nesse sentido, a obra "Guerra e Paz" de Cândido Portinari é uma das mais emblemáticas da arte brasileira e possui uma profunda relevância para discussões sobre Relações Internacionais nos séculos XX e XXI. Criado entre 1952 e 1956, a pedido do governo brasileiro, para presentear a sede da ONU em Nova York, o conjunto de murais representa dois pólos da experiência humana: o sofrimento causado pela guerra e a esperança trazida pela paz (Giunta, 2005).

### UM POUCO DE CÂNDIDO PORTINARI E BREVÍSSIMOS ASPECTOS DE SEU PERCURSO ATÉ GUERRA E PAZ

O painel "Guerra e Paz" é emblemático e possui uma profunda relevância para discussões sobre nosso campo de estudo e seus desdobramentos nos últimos setenta anos. Em termos de tamanho, para se ter uma ideia, as dimensões: Cada painel tem cerca de 14 metros de altura. A alusão temática dos dois quadros expressava, na Guerra, o horror, a dor e a destruição causados pelos conflitos armados. Portinari utiliza tons escuros e figuras contorcidas para expressar o sofrimento. Já na Paz, o que se evidenciava era a fraternidade, o trabalho coletivo, a esperança e a reconstrução. Tons mais claros e composições harmoniosas predominam (Fabris, 1996).

Figuras 4 e 5 - Painéis "Guerra e Paz"



Fonte: Cândido Portinari (1957)

Adorno (1993), por meio de uma abordagem histórica-crítica, defende que a arte deve ser autônoma, ou seja, não subordinada a funções externas como propaganda, moralismo ou utilitarismo. No entanto, essa autonomia não significa isolamento: a arte dialoga com a realidade social, muitas vezes de forma crítica e indireta. A arte autônoma é engajada por sua forma, não por seu conteúdo explícito. As ideias centrais do pensador da Escola de Frankfurt acerca do papel da arte na sociedade e, assim o entendemos nas Relações Internacionais, é de autonomia e engajamento, a arte como forma de conhecimento e contra mercantilização, ajudando na reflexão das relações de domínio presentes na sociedade (Silveira, 2006).

### ERIC HOBSBAWME NORBERTO BOBBIO E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI ACERCA DO TEMA GUERRA E PAZ

Para aprofundar o olhar histórico e detalhado das ideias que fundam a obra, o olhar da história e de historiadores ajudam a ilustrar as possibilidades analíticas da primeira e segunda metade do século XX, assim como seus efeitos no século XXI, Eric Hobsbawm (1917-2012). O pensamento do historiador sobre guerra e paz é profundamente marcado por sua análise crítica do século XX, que, entre outras situações, ele chamou de "Era dos Extremos" (Hobsbawm, 2007). Hobsbawm, marxista e internacionalista, via os conflitos mundiais não como eventos isolados, mas como expressões de crises estruturais do capitalismo, do imperialismo e das transformações sociais globais.

A visão geral do pensamento de Hobsbawm (id.) sobre guerra e paz possui no século XX o ápice de algumas de suas principais reflexões, pois para o autor, o período entre 1914 e 1945 como uma "guerra de trinta anos", marcada por dois conflitos mundiais interligados por crises econômicas e políticas. Ele vê a guerra como instrumento de ruptura, que destrói ordens estabelecidas e abre espaço para novas configurações políticas e sociais. A Segunda Guerra Mundial, em especial, é vista como um divisor de águas que levou à descolonização, à Guerra Fria e à reorganização das potências globais. Os horrores e a bestialidade das práticas naquele contexto forçaram a humanidade a repensar caminhos e estipular reflexões naquele contexto chave para o que se entenderia como civilização e sociedade internacional. Para o autor, os esforços e instrumentos que buscassem assegurar a paz e coibir a guerra, punindo infratores, surtiram efeitos limitados nos sistemas de aliança global após a II Guerra Mundial.

Nesse sentido, Bobbio (2004) complementa que o século XX oferece uma reflexão profunda sobre os Direitos Humanos, e embora o foco principal da obra seja a evolução e consolidação dos direitos fundamentais, ele também aborda de forma crítica os temas de guerra e paz, especialmente em relação à construção de uma ordem internacional mais justa e pacífica. Para o autor italiano, a paz é como valor supremo, é condição necessária para a efetivação dos direitos humanos, tendo o Direito Humanitário que tentar assegurar, em tempos de guerra, parâmetros mínimos para que os Estados busquem a liberdade e a paz. Sem paz, não há

espaço para liberdade, justiça ou dignidade. Ele vê a paz não apenas como ausência de guerra, mas como resultado de instituições jurídicas e políticas que regulam os conflitos de forma racional e não violenta. Para Bobbio, a guerra é a expressão máxima da violação dos direitos humanos, pois destrói vidas, comunidades e instituições. Ele critica a lógica da guerra como instrumento legítimo de política externa, especialmente após os horrores das duas guerras mundiais e do uso de armas nucleares.

Retomando Hobsbawm (2007), é nesse momento que a necessidade da humanidade continuar pensando em caminhos sustentáveis entre os povos abre espaço para a Guerra Fria como paz armada. Para Hobsbawm, a Guerra Fria não foi uma paz verdadeira, mas uma paz tensa, sustentada pelo equilíbrio do terror nuclear. Ele destaca o papel das superpotências, EUA e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) na manutenção de zonas de influência e na repressão de movimentos populares e revolucionários em países periféricos. A paz e ordem internacional são vistas com ceticismo, especialmente por conta das ideias liberais que conduzem instituições internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), importantes para se pensar a dinâmica entre as nações. Para o autor, a paz duradoura depende de justiça social, redistribuição de riqueza e superação das desigualdades globais. A paz, para ele, não é apenas ausência de guerra, mas transformação estrutural. Para Hobsbawm (id.), paz e guerra ainda se evidenciam com a forte presença das relações coloniais e seu desdobramento de descolonização. Para ele, a descolonização é um tema central em sua obra, especialmente em sua análise do século XX como um período de intensas transformações globais. Ele a interpreta não apenas como um processo político de independência formal das colônias, mas como parte de uma reconfiguração estrutural do sistema internacional, com implicações profundas para as relações entre os países do Norte e do Sul global.

O diálogo entre o quadro Guerra e Paz de Cândido Portinari e as reflexões de Eric Hobsbawm e Norberto Bobbio sobre guerra e paz revelam uma rica intersecção entre arte, história, filosofia política e Relações Internacionais. O quadro Guerra e Paz como

ponto de partida, onde Portinari retrata dois polos da experiência humana: Guerra: dor, destruição, sofrimento coletivo. Paz: esperança, reconstrução, solidariedade. A obra, criada para a sede da ONU, é um manifesto visual contra a barbárie e a favor da dignidade humana — valores que ecoam nas reflexões de Hobsbawm e Bobbio. Hobsbawm vê o século XX como marcado por guerras estruturais que destruíram ordens políticas e sociais, como representado no painel Guerra. Ele entende a paz como resultado de processos históricos complexos, não como estado natural — o painel Paz reflete essa reconstrução coletiva. A obra de Portinari pode ser lida como uma narrativa visual da “Era dos Extremos”, onde o sofrimento da guerra é contraposto à possibilidade de uma nova ordem social.

Bobbio vê a paz como condição para a efetivação dos direitos humanos — o painel Paz representa essa utopia concreta. A guerra, para ele, é a negação da razão e do direito, como expressa no painel Guerra. A obra de Portinari pode ser interpretada como uma ilustração dos valores da “Era dos Direitos”, onde a paz é construída por meio da justiça e da cooperação. Pontos de convergência: Paz como projeto político: Bobbio e Portinari defendem que a paz exige instituições, educação e cultura. Crítica à violência como solução: ambos rejeitam a ideia de que a violência pode fundar uma ordem legítima.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portinari, que era profundamente engajado politicamente e exilado por sua oposição ao Estado Novo, nunca viu a obra instalada na ONU, pois faleceu pouco após sua conclusão, intoxicado pelas tintas que usava. Ele acreditava que a arte deveria servir ao povo. Seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro e sua candidatura ao Senado refletem essa visão. Mesmo sob vigilância política, ele manteve seu compromisso com temas sociais, tornando sua obra um testemunho visual da luta por dignidade e igualdade. O quadro Guerra e Paz funciona como uma síntese visual das ideias do autor inglês e do autor italiano: Histórica, ao representar os ciclos de destruição e reconstrução (Hobsbawm). Normativa, ao

afirmar a paz como horizonte ético e jurídico (Bobbio). Adorno ajuda a fortalecer a dinâmica da arte não só como algo para deleite, mas também como forma de participação política.

A articulação entre arte e Relações Internacionais, proposta neste estudo, revelou-se não apenas possível, mas profundamente enriquecedora. Ao partir do painel Guerra e Paz de Cândido Portinari, foi possível transcender os limites tradicionais da análise política e histórica, abrindo espaço para uma leitura sensível e crítica dos conceitos de guerra e paz nos séculos XX e XXI. As contribuições de Eric Hobsbawm e Norberto Bobbio ofereceram perspectivas complementares: Hobsbawm, com sua visão histórica das guerras como rupturas estruturais e da paz como reconstrução social; Bobbio, com sua defesa da paz como valor jurídico e ético, essencial à efetivação dos direitos humanos. Ambas as abordagens encontram eco na obra de Portinari, que, por meio da linguagem visual, expressa o sofrimento humano e a esperança coletiva, tornando-se um símbolo universal da luta por dignidade.

Os resultados obtidos demonstram que a inclusão da arte como lente analítica amplia o campo das Relações Internacionais, permitindo uma formação mais plural, crítica e sensível. A arte, nesse contexto, não é apenas representação, mas também instrumento de reflexão política, capaz de provocar questionamentos, despertar empatia e estimular o pensamento interdisciplinar. Assim, este estudo reafirma a importância de cruzar fronteiras disciplinares e de reconhecer que compreender a guerra e a paz exige não apenas dados e teorias, mas também imaginação, memória e humanidade — elementos que a arte, como a de Portinari, oferece com profundidade e beleza, contribuindo significativamente para a formação do internacionalista.

## NOTAS

<sup>1</sup>Professor Doutor no curso de Relações Internacionais, Direito e Núcleo de Formação Geral e Humanística da Universidade Católica de Brasília. Email para contato: [daniolob@p.ucb.br](mailto:daniolob@p.ucb.br)

<sup>2</sup>Para que o leitor possa compreender melhor o que se quer dizer, talvez a sugestão de ouvir “Imagine – John Lennon” possa explicar melhor e tornar mais visível o apelo artístico na interface com as Relações Internacionais.

<sup>3</sup>Muralismo ou pintura mural é a pintura executada sobre uma parede, diretamente na sua superfície, como num afresco, num painel montado para uma exposição permanente. Ela difere de todas as outras formas de arte pictórica por estar profundamente vinculada à arquitetura, podendo explorar o caráter plano de uma parede ou criar o efeito de uma nova área de espaço.

## REFERÊNCIAS

BRANDT, Loren; RAWSKI, Thomas G. (ed.). **China's Great Economic Transformation**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 930 p. ISBN 9780521712903.

ADORNO, Theodor W. **Teoria estética**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993.

BELIN, Celia. PISAR, Leah. **Da arte das Relações Internacionais De l'Art des Relations Internationales**. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/2c3d71f5-71cd-46f8-a02f-54f56cf0bed3/content>.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Universidades, 2007.

FABRIS, Annateresa. **Cândido Portinari**. São Paulo: Edusp, 1996.

GIUNTA, Andrea. **Portinari: o sentido social da arte**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2005.

GOMBRICH, Ernst H. **A história da arte**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1999.

GOMBRICH, Ernst H. **Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos extremos: o breve século XX: 1914–1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JACKSON, Robert; SØRENSEN, Georg. **Introdução às relações internacionais: teorias e abordagens**. 3. ed. rev. e ampl. Tradução de Bárbara Duarte e Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. **Poder e interdependência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MORGENTHAU, Hans J. **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz**. Tradução de Luís Paschoal. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

ONUF, Nicolas. **International theory at the margins: neglected essays, recurring themes**. Bristol, 2023.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às relações internacionais: temas, atores e visões**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SILVEIRA, Harrison. **O sublime e a música em Adorno**. Rio de Janeiro: Editora Dialética, 2023.

WENDT, Alexander. **Social theory of international politics**. Cambridge, 1999.